**O ENCONTRO NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DO SURGIMENTO DO “MOMENTO PESQUISADOR”.**

Alberto Assis Magalhães

Graduado em Educação Física (UERN)

Professor da Educação Básica da Cidade de Iracema-CE

E-mail: [betoassis2001@hotmail.com](mailto:betoassis2001@hotmail.com)

Suênia de Lima Duarte

Mestre em Educação (UERN)

Professora do curso de Educação Física – CAMEAM/UERN

E-mail: [limaduarte-uern@hotmail.com](mailto:limaduarte-uern@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente trabalho trata-se de um recorte de uma pesquisa de conclusão de curso, realizado no curso de licenciatura em Educação Física, no qual objetivou analisar a pesquisa no processo de formação docente em Educação Física do CEF/CAMEAM/UERN. Esta pesquisa tem por objetivo, relatar de como o surgiu o momento pesquisar em um aluno do curso acima citado e quais as implicações que esse momento veio a causar na vida acadêmica do mesmo. Trata-se de um estudo de cunho autobiográfico e qualitativo, utilizando como abordagem metodológica a bricolagem. A princípio o presente trabalho traz as angústias e anseios de quando um aluno ingressa no ensino superior. Traz também o momento com a pesquisa no âmbito na universidade e suas implicações na formação do aluno. Sendo que a mesma foi uma das responsáveis pela identificação do aluno com o curso. Fez refletir sobre os desejos e anseios dentro do curso de Educação Física. Por meio da escrita de artigos, levando assim a refletir sobre o os anseios dentro do curso. Trouxe uma reflexão a respeitos de como como atuaria em sala de aula. Podemos afirmar, então, que a pesquisa possibilitou ter um olhar mais plural das coisas.

**Palavras-chave:** Pesquisa, formação docente, Educação Física

**INTRODUÇÃO:**

O presente trabalho trata-se de um recorte de uma pesquisa de conclusão de curso, realizado no curso de licenciatura em Educação Física, no qual objetivou analisar a pesquisa no processo de formação docente em Educação Física do CEF/CAMEAM/UERN.

Esta pesquisa tem por objetivo, relatar de como o surgiu o momento pesquisar em um aluno do curso acima citado e quais as implicações que esse momento veio a causar na vida acadêmica do mesmo. Entre elas, a continuação no curso de licenciatura em Educação Física. Trata-se de um estudo de cunho autobiográfico, qualitativo que Segundo Bogdan e Biklen (1994) esse tipo de pesquisa não estabelece questionamentos para serem investigados a partir de variáveis. As questões são formuladas com o objetivo de se estudar, em sua completude, os fenômenos que estão inseridos em uma determinada realidade.

Para Demo (2006, p. 20), pesquisas de cunho qualitativo, “[...] pretendem trazer à cena da pesquisa a preocupação com a realidade inesgotável no mensurável”. Trata-se de uma pesquisa também descritiva, a qual, segundo Gil (2002, p. 42), “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Com efeito, há horizontes que não são empíricos e que fazem parte da realidade. Segundo Demo (2006), é fundamental que a ciência os capte e, principalmente, que não reduza a realidade ao que se pode captar, ao que é mensurável. Para evitar esse deslize, adotou-se como abordagem metodológica a bricolagem proposta por Kincheloe (2007), com o auxílio de procedimentos que melhor responderam ao objetivo proposto. De modo mais claro:

A bricolagem tem uma dimensão desprovida de pudores, que pergunta: ‘quem disse que pesquisa tem que ser feita assim?’. Essa falta de pudor é baseada numa postura que despreza a ideia de que métodos monológicos e ordenados nos conduzem ao lugar certo na pesquisa acadêmica (KINCHELOE, 2007, p. 18).

A autora referenciada segue relatando que a bricolagem, na ciência, refere-se à capacidade de empregar múltiplas abordagens e construtores teóricos na pesquisa. Para ela, entretanto, esse é o caminho para uma nova forma de um rigor em pesquisa (KINCHELOE, 2007).

**RESULTADO E DISCUSSÕES**

O ingresso no ensino superior é acompanhado por um misto de sensações, alegria, medo e angústias. Somos tirados da nossa zona de conforto, de modo que nos sentimos cada vez mais aflitos dentro desse universo que fora sempre almejado. Essa insegurança, muitas vezes, é gerada a partir do não se encontrar consigo mesmo, dentro do processo de formação.

No início do curso de Licenciatura em Educação Física, eu me encontrava como *Alice no país das maravilhas,* personagem de Caroll (2006)*.* Ardendo de curiosidade sobre o coelho branco, com um colete e olhos cor de rosa que vira, “[...] ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho embaixo da cerca. No mesmo instante, Alice entrou atrás dele, sem pensar como faria para sair dali” (CAROLL, 2006, p.6).

Assim como Alice entrou na toca atrás do coelho branco, eu ingressei no ensino superior atrás de um sonho. A relação que estabeleço aqui é entre o coelho branco e os sonhos que cada um tem. Ousar ir em busca de nossos coelhos, requer coragem e ação. Como Alice, precisamos nos permitir ir ao encontro daquilo que nos mantém vivos; a capacidade de sonhar. Precisamos dar mais atenção aos nossos sonhos, não apenas àqueles que acontecem enquanto dormimos, mas também àqueles sonhos “[...] que produzimos quando estamos acordados, vivendo as batalhas da existência, sentindo a vida que pulsa em nosso dia-a-dia” (CURY, 2004, p.9).

Correr atrás dos nossos sonhos nem sempre é algo fácil, como afirma Cury (2004), às vezes é necessário atravessar turbulências quase que insuperáveis, suportar pressões que poucos tolerariam e viver dias ansiosos, sentindo-se pequenos diante dos obstáculos. Assim ocorreu comigo na busca pelo meu sonho de ter uma graduação. De início não sabia qual curso fazer, até optar pela Educação Física.

Ao retomar o exemplo de Alice na toca, percebo que, enquanto caía, ela teve algum tempo para olhar ao seu redor e desejar saber o que lhe estava acontecendo. Ela olhava para baixo e via tudo escuro. Assim me senti ao ingressar na Universidade. Encontrava-me cheio de dúvida; ficava tentando pensar no que seria melhor para mim e entender esse novo universo no qual eu estava me inserindo, porém, meus pensamentos pareciam estar em trevas, não via nenhuma luz. As dúvidas que senti, por determinado momento, foram como um inverno gelado que impede o desabrochar de uma rosa. Encontrava-me, então, como a roseira do conto *O rouxinol e a rosa*, escrito por Wilde (2005). O autor retrata a história de um rouxinol que buscou uma roseira para adquirir uma rosa vermelha, a qual seria levada a um estudante que pretendia dá-la à dama com quem pretendia dançar no baile. A dama só dançaria com ele se lhe trouxesse uma rosa vermelha. Quando o rouxinol procurou a roseira, ela falou que as suas rosas eram vermelhas, mas o inverno congelou o seu sangue e a ventania quebrou os seus ramos, por isso não teria como florescer naquele ano. Assim estavam meus pensamentos, não florescia nenhuma certeza acerca das minhas dúvidas.

Quando ingressei no curso, experimentei várias sensações, incluindo alegria e angústia. Alegria por ter ingressado no ensino superior, em uma universidade pública, pois sempre considerava que não tinha capacidade para tal feito, afinal eu sou filho de um agricultor e uma gari, por isso que sempre estudei em escolas públicas de uma comunidade na zona rural da cidade de Iracema-CE, o que reduzia minhas chances de ser aprovado em um vestibular, devido à ampla concorrência.

No início, muitas vezes, sentia-me angustiado por não estar me identificando com o curso. Tentava olhar para o meu futuro dentro dele, mas não conseguia imaginar nada. Era totalmente escuro para mim. Cheio de incertezas, não sabia se iria continuar, mas, ao mesmo tempo, não queria deixá-lo. Como já dizia Willian Shakespeare (S/D), em seu texto *o menestrel*, “nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar se não fosse o medo de tentar”.

Durand, Saury e Veyrunes (2005) relatam que todo processo referente à formação para o ofício de ensinar, às vezes, gera problemas. O meu problema, naquele momento, era estar perdido, em um buraco escuro, o qual não sabia para onde me levaria e nem o que queria. Em meio a tantas angústias, às vezes, surgiam amigos e colegas que me aconselhavam a desistir do curso e procurar outro. Ficava muito pensativo, pois, antes eu era uma pessoa que me pautava muito na ideia dos outros, no que me falavam. Porém, precisava decidir e “decidir é romper e, para isso, preciso correr o risco” (FREIRE, 2015, p. 91). Então decidi continuar no curso, pois, é decidindo que se aprende a decidir. Não aprenderemos a ser se não decidimos nunca. Foi com esse sentimento de decisão que resolvi correr riscos e seguir em frente no curso de Educação Física.

Logo no início do curso, tive o contato com a pesquisa por meio da disciplina *Metodologia do trabalho acadêmico*, que me proporcionou realizar um pré-projeto de pesquisa como requisito para aprovação. Tal método convergia para o que consta no projeto pedagógico do curso de Educação Física (PPC) do CEF-CAMEAM/UERN, o qual apresenta que, desde o primeiro semestre do curso, os acadêmicos devem ser estimulados a participar de projetos de pesquisas, assim como da extensão, desenvolvidos durante as disciplinas, apoiados por uma orientação docente (CEF-CAMEAM/UERN, 2015).

Diante de tantas dúvidas e questionamentos me veio o desejo de escrever sobre os investimentos feitos na Educação, no que se refere à disciplina de Educação Física, no contexto da copa do mundo de 2014. A razão da escolha por esse contexto está nos milhões de reais gastos para sediar esse megaevento esportivo, enquanto o professor de Educação Física da escola básica não tem material para trabalhar. Na maioria das vezes, tem que adaptar as suas aulas aos materiais que a escola oferece, ou, até mesmo, tirar do seu salário para comprar material.

Mesmo tendo uma escrita e reflexão incipientes, essa produção acadêmica serviu como pontapé inicial para despertar-me o gosto pela pesquisa na graduação. A partir de então, comecei a ver uma luz a dissipar as trevas que se encontravam em meus pensamentos, e o botão de uma rosa desabrochando, criando caminhos para se ter uma certeza. E foi assim que fui começando a me encontrar no curso, por meio da pesquisa.

Logo em seguida, recebi o convite de uma professora, a mesma da disciplina de metodologia do trabalho acadêmico, para ser ouvinte das discussões de um projeto de pesquisa que coordenava, intitulado “A questão cultural e a atividade física em espaços de educação não formal”*.* O projeto abordava a teoria do sociólogo Pierre Bourdieu*,* que objetiva desvelar os motivos que levam as pessoas a praticarem atividades físicas. Como estratégias metodológicas para a realização desta pesquisa haviam encontros semanais para a discussão de conceitos da teoria do sociólogo citado. Nesses encontros, debatíamos, por meio de seminários e outras estratégias, visto que “é inquestionável a importância do papel da formação teórica para o pesquisador. É a teoria que vai muni-lo de elementos para interrogar os dados e procurar entender a trama de fatores que envolvem o problema que ele tenta enfrentar” (LÜDKE, 2013, p.42).

Tudo isso, de início, causou-me estranhamentos e espantos, como diz Alves (2008, p.63), “[...] era como viajar por uma terra cuja língua me era desconhecida: perdi muita coisa, mas, nos intervalos das incompreensões, havia os cenários. Tudo me espantava”. Sentia-me perdido em meio às discussões que eram realizadas. Não raro, perguntava-me: “O que estou fazendo aqui? Não estou entendendo nada!”

Mesmo assim, não deixei de fazer as leituras propostas e de participar das discussões. E, aos poucos, percebia que as leituras e discussões realizadas estavam me ajudando a compreender um pouco mais os fatos sociais e também no trato com as discussões, em algumas disciplinas. Lüdke (2013, p.46) relata que “não é apenas como acontecimento cognitivo que a pesquisa pode contribuir no desenvolvimento profissional de um dado grupo, é também, e sobretudo, como acontecimento social”.

Maciel (2003), por sua vez, fala que, em processos de formação, aparecem necessidades e dificuldades. Estas, quando não enfrentadas pelo sujeito, são consideradas como limites que impedem ou dificultam as mudanças. Ao contrário, se enfrentadas, mesmo que não totalmente superadas, são consideradas como possibilidades de formação, movendo o sujeito para a mudança.

Eu poderia ter desistido de participar do grupo de pesquisa, tendo em vista as várias sensações experimentadas. Estava perdido, como se estivesse sozinho, navegando em alto-mar, em uma simples canoa, sem saber para onde ir. Porém, persisti no projeto e consegui superar as dificuldades e as necessidades que encontrei nesse meu processo formativo.

Quando me percebi, já estava gostando de fazer pesquisa e sempre estava querendo investigar algo. A pesquisa, que para mim era um ambiente desconhecido, passou a ser um dos meus maiores prazeres na universidade. Assim, comecei a buscar professores para escrever trabalhos e apresentar em eventos científicos. Eles tornaram-se meus “parceiros” acadêmicos. Tornaram-se minha fonte de inspiração, principalmente aqueles a que eu tinha maior acesso e que me davam um retorno para parcerias acadêmicas.

Hoje, na verdade, começo a perceber que meu contato com a pesquisa foi no ensino médio, por meio das feiras de ciências. Mas, como não somos apresentados a elas com caráter científico, passamos a acreditar que nossa primeira vivência com a pesquisa é quando chegamos à universidade, o que tornam as coisas ainda mais difíceis. Em relação ao meu momento com a pesquisa no ensino médio, percebo que ela ocupou um lugar real em minha vida num momento em que não estava conscientizado, até o momento em que ingressei no ensino superior e tive contato com ela na graduação**.** Para Hess (2004, p. 35), “o momento é constituído de um conjunto de elementos materiais, psicológicos (afetivos) e passionais”.

No primeiro ano em que participei da feira de ciências, ainda na escola, apresentei um projeto que tratava o ecoturismo na Serra dos Bastiões/Iracema-CE. Nessa edição, minha participação se deu de forma tímida, pois o grupo era formado por quatro alunos, em sua maioria do terceiro ano do ensino médio. Apenas eu me encontrava no primeiro ano. O projeto foi aprovado e foi para a segunda fase, de caráter regional. Nesta fase, todas as escolas de ensino médio das cidades vizinhas (Jaguaribe, Jaguaretama, Jaguaribara, Ererê, Iracema, Pereiro e Potiretama), que correspondem a 11ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE) do estado do Ceará, apresentaram os projetos selecionados na sua fase escolar. Não participei da apresentação do projeto na fase regional. Apenas duas alunas foram escolhidas pela professora orientadora do projeto.

Como afirma Hess (2004, p.42), “há momentos dos quais nós somos sujeitos e outros que nós somos objetos. Sofremos ou investimos nossos momentos”. Na edição da feira de ciências descrita acima, não me encontrava na condição de sujeito, estava apenas na condição de objeto, como um coadjuvante, desempenhando papeis secundários, como se estivesse na equipe apenas como mais um membro. Isso, às vezes, causava-me sofrimento, pois queria desempenhar um papel, assim como os demais integrantes do grupo.

Hess (2004) ainda indaga que se podemos fazer revoluções em nossas vidas e transformar esses momentos sofridos em momentos investidos, passamos a ser sujeitos e não mais objeto. Fiz então uma revolução e, a partir do momento sofrido, passei da condição de objeto para a condição de sujeito.

Nos anos seguintes, eu objetive uma proposta de trabalho para uma nova feira de ciências, onde, sem a ajuda de nenhum professor, comecei a fazer uma pesquisa sobre a origem da comunidade de Bastiões/Iracema-CE, visto que, no período correspondente a 2010, estava passando por um processo de reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo. Essa questão causou vários conflitos na comunidade. Então, resolvi pesquisar sobre a sua origem. Para desenvolver esse trabalho eu ia para a sede da escola, localizada em Iracema-CE, há 24km de distância da comunidade onde residia e estudava, pois não tinha nenhuma pessoa para me orientar no que se referia a minha pesquisa.

Para o projeto ser apresentado era obrigatório ter um professor orientador, então chamei a professora de história, que, com prontidão, aceitou participar comigo. A gestão da escola percebeu que o projeto era bom, porém não acreditava que se classificaria para a fase regional. Para a surpresa de todos, fomos classificados.

No ano seguinte, continuei com mais segurança e confiança em mim mesmo, pois já tinha algum conhecimento de como deveria ser feito o projeto. Com êxito, fui aprovado na fase escolar, para, então, ir para a regional. Desta vez, tinha ficado em 2º lugar na área de ciências humanas.

Considero importante descrever que meu primeiro momento com a pesquisa aconteceu ainda no ensino médio, visto que “quanto mais se descreve um momento mais ele ganha em amplitude, mas ele existe” (HESS, 2004, p. 44). A partir do momento que me pus a perceber-me dentro do processo de formação pela pesquisa, o *momento* do pesquisador surgiu docemente, assim como Hess (2004) descreve em seu momento com a pintura. Na graduação, além de ter participado como ouvinte do projeto “A questão cultural e a atividade física em espaços de educação não formal”, também participei do projeto de pesquisa intitulado “Reflexões sobre os conhecimentos relativos à saúde nas práticas pedagógicas da educação física escolar”. Este último teve por objetivo geral analisar o debate sobre a saúde na escola e sua relação com a Educação Física. Seu andamento se deu por meio de reuniões semanais para a realização de discussões em torno do conhecimento sobre a saúde no contexto da educação física, com o desenvolvimento de leituras e debates teóricos sobre a temática do objeto de estudo.

Hoje, compreendo a pesquisa como um processo não apenas científico, mas também formativo e humano. Shigunov Neto e Maciel (2009), corroboram essa visão ao afirmarem que a pesquisa é um processo humano por meio do qual o profissional adquire ou produz um novo conhecimento. Os autores complementam que “[...] a pesquisa de forma geral, no âmbito educacional compreende a capacidade do professor pesquisador em elaborar e construir conhecimento por si próprio, ou seja, é uma construção pessoal que pode ser coletiva, mas que sempre traz benefícios para o coletivo” (SHIGUNOV NETO; MACIEL 2009, p.4).

Acredito, então, que o ato de pesquisa implica necessariamente no ato de refletir. Como afirmam Shigunov Neto; Maciel (2009), a pesquisa apresenta-se como um instrumento fundamental para uma prática reflexiva. É possível admitir, então, que:

O contato com as pesquisas é suscetível de desenvolver as capacidades de análise e investigação, de evitar confundir a evidência com o fato demonstrado. A pesquisa seria suscetível de formar os jovens docentes no espírito crítico, na dúvida metódica, no comportamento racional, assim como no cuidado de responder com elegância às situações encontradas (BEILLEROT, 2013, p.71).

Em complemento, Santos (2013) afirma que, de forma direta ou indireta, o desenvolvimento da pesquisa na universidade tem tido reflexos positivos na graduação. Corrobora esse pensamento Perrenoud (1993 apud Santos, 2003, p. 20), ao afirmar que a pesquisa na formação inicial, refere-se ao trabalho de investigação no qual

[...] o futuro docente terá oportunidade de aprender a olhar e a escutar com mais atenção, de ver melhor o que não está claramente explicitado, de perceber que a diversidade de pontos de vista é maior do que geralmente se supõe e de constatar que as situações são mais complexas do que apresentam, além, é claro, de esse trabalho ajudar a refinar o ponto de vista sobre determinado fenômeno.

Envolto pela pesquisa, percebi com qual pilar universitário formativo eu me identificava mais e o que mais gostava de fazer na universidade, pesquisar. A pesquisa despertou-me para ser o estudante e o ser humano que sou hoje. Sendo que por meio dela consegui me identificar no curso e terminá-lo.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Levando em consideração todos os caminhos percorridos na universidade, dentro do processo formativo para a docência, a pesquisa foi a que ficou mais marcada, assim percebemos que pesquisar é mais do que a coleta e tabulação de dados. Compreendemos assim, a pesquisa como uma reflexão, que pode ser individual ou coletiva, voltada para uma determinada população ou para si mesmo. No meu caso, a pesquisa me possibilitou fazer uma reflexão voltada para mim mesmo, a partir dos momentos vivenciados.

De modo mais específico, ela fez-nos refletir sobre os desejos e anseios dentro do curso de Educação Física. Por meio da escrita de artigos, levando assim a refletir sobre o os anseios dentro do curso. Trouxe uma reflexão a respeitos de como como atuaria em sala de aula. podemos afirmar, então, que a pesquisa possibilitou ter um olhar mais plural das coisas, além disso, abriu os olhos para perceber o potencial formativo desse ambiente na universidade. Sendo assim, o surgimento do momento pesquisador foi de grande importância para que pudesse me identificar com o curso de Educação Física e terminá-lo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa.** 4. ed. Campinas: Autores associados, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HESS, R. A teoria dos momentos contada aos estudantes. **Educação & Linguagem**, São Bernardo do Campo, Unesp, ano 7, n. 9, jan-jun. 2004.

KINCHELOE, Joe L. **Pesquisa em Educação:** conceituando a bricolagem. KINCHELOE, Joe L; BERRY, Katheleen S. (Org.). Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CARROLL, L. **Aventuras de Alice no país das maravilhas.** Tradução Maria Luiza X. de A. Borges Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CURY, A. J. **Nunca desista de seus sonhos.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

SHAKESPEARE, W. **O menestrel.** Disponível em: <https://jeffeck.wikispaces.com/file/view/O+menestrel.pdf>. Acesso em: 23 de setembro de 2017.

WILDE, O. **O príncipe feliz e outros contos.** Edição especial. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

DURAND, M; SAURY, J; VEYRUNES, P. Relações fecundas entre pesquisa e formação docente: Elementos para um programa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p.37-62, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a0435125.pdf>. Acesso: 05 de março de 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** 50. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CEF/CAMEAM/UERN. **Projeto pedagógico do curso de educação física**, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, 2015.

LÜDKE, M. A complexa relação entre o professor e a pesquisa. In: ANDRÉ, Marli. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2013, p. 27-54.

ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência:** o dilema da educação. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HESS, R. A teoria dos momentos contada aos estudantes. **Educação & Linguagem**, São Bernardo do Campo, Unesp, ano 7, n. 9, jan-jun. 2004.

MACIEL, M. D. Autoformação docente: limites e possibilidades. In: IV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2003, Recife/PE. **Anais**. Recife/PE: Sociedade Brasileira para progresso da ciência, 2003. p.1-5. Disponível em: <http://fep.if.usp.br/~profis/arquivos/ivenpec/Arquivos/Painel/PNL083.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2017.

SHIGUNOV NETO, A; MACIEL, L. S. B. A importância da pesquisa para a prática pedagógica dos professores que atuam na educação superior brasileira: algumas discussões iniciais. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração** – ISSN 1984-5294, vol.1, n.1, p. 04-23, maio/2009. Disponível em: <http://univille.edu.br/community/novoportal/VirtualDisk.html?action=readFile&file=A\_importancia\_da\_pesquisa\_para\_a\_pratica\_pedagogica\_dos\_profs\_que\_atuam\_na\_educacao\_superior\_br.pdf&current=/AI/CIP/Estrategias\_e\_Metodos> . Acesso em: 03 de abril de 2017.

SANTOS, L. L. C. P. Dilemas e perspectivas na relação entre ensino e pesquisa. In: ANDRÉ, Marli. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2013, p. 11-25.

BEILLEROT, J. A “pesquisa”: Esboço de uma análise. In: ANDRÉ, Marli. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2013. p. 71-90.